

RESENHA

Estados e Mercados: Os Estados Unidos e o sistema multilateral de Comércio - Sebastião C. Velasco e Cruz, por Sebastião C. Velasco e Cruz. São Paulo: editora UNESP, 2017. ISBN: 9788539307036

Resenhista:

Ana Rachel Simões Fortes¹

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Pontifícia Universidade Católica

Belo Horizonte – Minas Gerais - Brasil

Criado após a II Guerra Mundial, o sistema multilateral de comércio sofreu várias mudanças ao longo de seus setenta anos de existência. Essas transformações, os principais embates travados entre os países membros e a atuação dos Estados Unidos (EUA) em sua configuração são analisados neste livro pelo cientista político e professor Sebastião C. Velasco e Cruz. Em seu livro, Velasco e Cruz afirma que a criação de um sistema multilateral do comércio teria como missão dinamizar a economia internacional e aplacar as rivalidades entre as nações, por meio da remoção gradual de barreiras ao comércio. Todavia, na prática, esses objetivos são passíveis de controvérsias e até hoje estão no topo das discussões entre os países. Apoiado por um sólido referencial teórico, o livro possui nove partes que esboçam desde a origem ao desenvolvimento da Organização Mundial do Comércio (OMC), apontando os interesses e a conjuntura internacional que se seguiu a cada rodada de discussões sobre os acordos do comércio.

Na primeira parte, intitulada “Estado e Mercado: A OMC e a Constituição (incerta) de uma ordem econômica global”, o autor busca apresentar as discussões sobre a OMC na conferência ministerial de Cancún em 2003 e o impasse produzido em torno dos chamados “temas de Cingapura” (i.e. investimentos, políticas de concorrência, compras governamentais e facilitação do comércio). A conferência marcou um ponto de inflexão na dinâmica interna da organização, em que tradicionalmente o que era decidido pelas grandes potências comerciais era visto como um consenso estável.

Nesse contexto, na segunda parte, “Comércio Internacional em um mundo partido: o regime do GATT e os países em desenvolvimento”, o autor disserta sobre a

¹ anarachelfortes@yahoo.com.br

constituição do sistema multilateral de comércio que, originariamente, foi atribuída a Organização Internacional do Comércio (OIC), em 1947. Dela restou apenas o Acordo Geral de Comércio e Tarifas (GATT), que inicialmente foi uma arena de negociação de interesses comerciais entre Estados Unidos e Europa. Contudo, esse quadro começou a mudar a partir da década de 60, com a incorporação de países do Terceiro Mundo.

O capítulo três, “1945 – 1984 Ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos EUA”, analisa a consolidação dos Estados Unidos como potência hegemônica. De acordo com Velasco e Cruz, havia um consenso político nos Estados Unidos de que eles deveriam garantir o estabelecimento das bases da ordem capitalista internacional. Dever-se-ia apoiar, entre outras medidas, negociações comerciais liberalizantes, principalmente em manufaturas. Na parte quatro, “Um novo jogo: o logo caminho rumo á rodada Uruguai do GATT”, são demonstradas as falhas do GATT e as estratégias de coerção e de ameaças por parte dos EUA, em relação a determinadas questões, para assegurar que seus interesses prevalecessem.

Em sequência, a quinta parte, “A rodada Ururguai do GATT: Esboço de uma análise política”, investiga as negociações inauguradas em setembro de 1986 na cidade de *Punta Del Este*. Os resultados foram à criação, em 1994, da OMC e a aprovação simultânea de uma série de acordos que alteravam em profundidade o regime multilateral de comércio em vigor até então. “A OMC: primeiras provas”, título da parte 6, assinala como que a gestão do sistema multilateral de comércio em sua nova encarnação seria muito mais complicada do que no passado. Uma das principais inovações resultantes dessa rodada foi o mecanismo de resolução de controvérsias.

A sétima parte, “Crise econômica e negociações comerciais: conjecturas sobre a rodada Doha e sistema multilateral do comércio”, aponta para duas situações comuns entre a rodada de Tóquio na década de 70 e rodada Doha nos anos 2000, dentre os quais pode-se citar os acirramentos dos conflitos geopolíticos no oriente médio e as pressões altistas no mercado do petróleo. O capítulo seguinte, “Nota sobre o impasse na rodada Doha e os desafios da OMC”, salienta que a capacidade de superpotência de ditar regras do jogo nas organizações multilaterais, como a OMC, vem sofrendo uma erosão grave. Nota-se, por exemplo, que a rodada Doha mergulhou em um impasse aparentemente insolúvel desde o colapso econômico mundial em 2008.

Por fim, o capítulo 9, “A OMC aos 21 , os Estados Unidos e a crise do regime multilateral do comércio”, salienta que, nos últimos anos, ficou evidente que as negociações da rodada Doha estão paralisadas porque os protagonistas (em especial os EUA) do processo não foram suficientemente flexíveis para chegar a um acordo. Segundo Velasco e Cruz, as explicações mais difundidas para uma trajetória tão decepcionante conjugam dois elementos entrelaçados, por um lado, as reações que o aprofundamento do processo de internacionalização do capital desperta em amplos setores sociais nos países desenvolvidos e, por outro, os desenvolvimentos econômicos e geopolíticos que marcaram a segunda década do século, alternando o equilíbrio de forças predominantes no momento em que a OMC veio à luz.

Em síntese, o principal ponto de análise do autor é problematizar o relacionamento entre a OMC e os Estados Unidos. Para o autor, historicamente, os EUA dominaram os resultados das negociações comerciais multilaterais, prevalecendo na determinação do conteúdo das regras da OMC e na definição de suas principais características. Contudo, devido a alterações na economia mundial, a tradicional influência estadunidense foi sendo reduzida ao longo do tempo, apresentando implicações importantes para o processo de produção de regras da organização.

Nesse sentido, a posição contraditória dos EUA é um elemento importante que o autor explora em seu livro. Ao mesmo tempo em que há uma defesa estadunidense de um sistema baseado em regras universais, há também uma afirmação do direito soberano de definir em quais circunstâncias ignorá-las, e essa atitude se segue no momento presente. Observa-se que ao longo de sete décadas de existência do sistema multilateral, os Estados Unidos, representados por suas diferentes delegações de negociadores, agiram de maneira a deixar muitas dúvidas sobre o verdadeiro grau de comprometimento com a instituição que o país mesmo foi um dos principais arquitetos.

A obra “Estados e Mercados: Os Estados Unidos e o sistema multilateral de Comércio” apresenta importantes apontamentos sobre a trajetória da OMC e sua repercussão para os dias atuais. Assim, os temas discutidos no livro permitem que o leitor obtenha um melhor entendimento das transformações em curso no sistema internacional, no que se refere à proeminência de países em desenvolvimento como a China, bem como em relação às ações do governo de Donald Trump nos EUA, que

apresenta sinais preocupantes sobre a atuação estadunidense no sistema multilateral do comércio.